

OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA EM ALEMÃO

PRÊMIO WIELAND DE TRADUÇÃO 1995

A TRADUÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS para a língua alemã — que é considerável! — só não é maior por causa da política editorial daquele país, não, porém, por falta de interesse (dos tradutores de português) nem carência de bons tradutores.

Berthold Zilly, filólogo, tradutor e crítico de literatura, professor no Instituto América Latina da Universidade Livre de Berlin, recebeu o Prêmio Wieland de tradução por sua tradução de Os Sertões de Euclides da Cunha, e, em São Paulo, o prêmio outorgado pela União de Críticos de São Paulo ao Melhor do Ano de 1995 na categoria de difusão da literatura brasileira no exterior. Sua tradução (Krieg im Sertão), citando o próprio Zilly, foi celebrada “como uma produção estética, que não apenas acompanha o original, mas que pode subsistir ao seu lado”.

O Prêmio Wieland de Tradução é outorgado a cada dois anos. Seu patrono, Christoph Martin Wieland, importante escritor e tradutor, nasceu na região de Baden-Württemberg, no século XVIII.

Na entrega do Prêmio Wieland de Tradução, em 29 de novembro de 1995, os discursos de Robert Menasse, escritor austríaco, e de Berthold Zilly compõem um diálogo entre leitor-autor/tradutor, onde o tema é a tradução. Cada um fala a partir de sua posição e sobre sua concepção do processo tradutório.

A tradução destes discursos, abaixo apresentados, foi feita sobre os originais em alemão “Laudatio auf Berthold Zilly” e “Dankrede”, publicados no jornal Der Übersetzer, Munique, Abril-Junho 1996, por Mauri Furlan.

LOUVOR A BERTHOLD ZILLY

Robert Menasse

CONHECI BERTHOLD ZILLY HÁ 10 anos, em São Paulo, e já nos entendemos à primeira vista. Explico: nós dois, na cidade de São Paulo, onde realmente existem inesgotáveis possibilidades de prazer e diversões, nos sentamos como que atarraxados em banquinhos de um bar para discutir um tema inesgotável: a literatura. Era um desses locais brasileiros, que tem uma tabuleta na porta que diz: “Aberto até o último freguês”, isto é, até sair o último freguês. A certa hora o barman deitou a cabeça sobre os braços e adormeceu; a certa hora, na alta madrugada, tivemos que levantar os pés quando uma faxineira varria o chão, e Berthold Zilly contava sobre as dificuldades de traduzir uma obra como *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Tenho que confessar que naquela hora em que Berthold Zilly, como ele dizia, esboçava os pressupostos dos problemas da tradução, um leve desespero me tomou: se a tradução de um romance é tão custosa, quanto não deve ser então a escritura de um romance?

Menciono isto porque, exatamente então, eu havia começado a escrever meu primeiro romance, e escrevia, inicialmente, muito feliz e inocente, mais ou menos como o bicho-da-seda tecendo sua seda. Mas, tudo o que Berthold Zilly dizia sobre o trabalho re-criador, não foi, com maior razão e talvez ainda muito mais radicalmente, válido para o próprio trabalho criador? Este trabalho pressupõe necessidade absoluta de penetrar completamente o objeto, descobrir suas estruturas imanentes até às últimas ramificações. Contudo, estas mesmas estruturas, depois de salientá-las, o trabalho recriador as faz desaparecer novamente, como que infiltrando-as, numa língua, a mais apropriada possível. E, finalmente, o mais importante:

que se conceba, em um texto, um trabalho conseqüente, não simplesmente uma construção textual, mas, em primeiro lugar, uma desconstrução radical da própria vaidade: o texto ou eu. Enquanto “eu” posso dizer que esta palavra é a certa, aquele conceito, o correto, esta, uma formulação precisa, aquela proposição ou parágrafo, mais coerente, o texto torna-se rígido e frágil, um *puzzle* montado à força apenas com peças avulsas corretas. Só quando posso conceder ao texto que ele diga “eu”, ele começa a viver. Por conseqüência caduca meu vaidoso orgulho de ter encontrado uma formulação certa, já que o texto transforma palavras, conceitos, proposições naquelas partículas flexíveis que somente se integram no todo que este texto quer ser e deve ser no final.

Sobre isto tudo eu queria consultar o travesseiro. Acordamos o barman para pagar a conta, e marcamos um encontro para uma das próximas noites. Nosso segundo encontro não foi tão longo. Não porque eu levei a Berthold Zilly algumas páginas do manuscrito do meu começo do romance, mas porque a placa na porta de entrada daquele bar fora substituída por uma nova. Agora dizia: “Aberto das 16 às 2 h da manhã”. Contudo, foi suficiente o tempo repentinamente limitado. Berthold Zilly leu cuidadosamente os excertos de minha “work in progress” e — isto eu digo agora não por vaidade, mas por gratidão — louvou tão analítica quanto enfaticamente. Quando eu, estimulado pela sua aprovação, exclamei que queria terminar o romance impreterivelmente até o final do ano, Berthold Zilly tirou um livro de sua pasta e disse que me queria dá-lo de presente. Era o volume *Das schnelle Altern der neuen Literatur (O Envelhecimento rápido da nova Literatura)*, publicado, fazia pouco, na Alemanha, por Jochen Hörisch. E Berthold Zilly escreveu-me a seguinte dedicatória: “Se permita tempo e permaneça jovem”.

Isto foi, repito, há dez anos. Acho que naquela época ele já tinha pré-formulado o que nós, hoje, quando festejamos seu êxito como tradutor, não podemos elogiar suficientemente. O desafio de permanecer jovem refere-se naturalmente à obra, na qual — como já disse no início, me referindo a Zilly — o Eu do autor e também do tradutor têm que desaparecer. O tem-

po sereno, a serenidade frente ao tempo, é a única, pelo menos a melhor possibilidade de produzir uma obra que possa permanecer jovem, que, portanto, possua, se possível, longa validade, e não apareça amanhã já necessitada de revisões, nem depois de amanhã aparente ser já muito velha. Esta era, ao lermos *Os Sertões*, sem dúvida também a pretensão do próprio Euclides da Cunha: escrever uma obra que, partindo de uma experiência que agitou seu tempo ao extremo, passa despercebida ao espírito da época, e que também deduz sua economia temporal não das necessidades do mercado mas exclusivamente das próprias exigências formais e lingüísticas. Quando finalmente surgiu a obra de Euclides da Cunha sobre a campanha contra Canudos, um mercado ligeiro parecia já ter acalmado todas as necessidades de publicação deste tema. Hoje sabemos que esta obra é a única que ficou da discussão de então, e é válida até hoje. Já a exposição extremamente morosa da obra é programa: começa com *A Terra*. Nesta obra, que não tratará por último do que os homens são capazes de fazer e de fazer uns aos outros, “o homem” será mencionado, pela primeira vez, apenas à página 65. E ainda não como personagem de um romance, em presença física, mas inicialmente apenas como conceito para anti-natureza, como “feitor de desertos” nesta terra. Apenas na segunda parte, que é intitulada *O Homem*, Euclides chega ao verdadeiro habitante desta terra, ao sertanejo. E ele o esboça como mistura de raças, para com isso poder caracterizá-lo como o tipo ideal de espécie em geral. Este movimento, que pacientemente constrói círculos do geral ao particular e do particular ao paradigmático, tem que se assegurar de todas as possibilidades formais e lingüísticas, para explorar o amplo espaço que se abre e como que cartografá-lo sem manchas brancas. A expedição descrita por Euclides torna-se assim uma expedição até aos limites das possibilidades da literatura — e assim um imenso desafio a todo tradutor. O tom polifônico desta obra, composto principalmente de elementos contraditórios, como também de *pathos* clássico, tratado científico, informação militar, citações ironizadas, linguagem coloquial, é tão bem equilibrado por uma distância narrativa sempre atuante que disto resulta novamente um todo.

Em um texto como este, e tanto mais nestas circunstâncias, é muito grande o perigo — e justamente a precisão de detalhes o intensifica ainda mais — de que o tradutor, no final, tenha reproduzido apenas as contradições imanentes do texto, mas não sua síntese. Também na tradução, compor um todo novamente, que funcione como todo, a partir de tipos contraditórios de textos, é um trabalho re-criador, que em nada é inferior ao originariamente criador. A decisão de Berthold Zilly de alterar levemente o peso, em sua tradução, dos tipos de textos do original, foi, nesse sentido, uma decisão feliz. Sabe-se, por ex., que *pathos* em alemão tem igualmente algo de ridículo, o que não acontece em português. Por isso Berthold Zilly acentuou um pouco a linha racional, elucidadora do texto e recuou um pouco o tom patético. Justamente por isso ele conseguiu em alemão o afamado equilíbrio de Euclides entre exatidão objetiva e tom poético-suplicante e — isto não pode ser suficientemente acentuado — tornou compreensível e inteligível. A partir de diferentes tonalidades, máscaras lingüísticas, linguagens técnicas e, não menos, também a partir de diferentes regionalismos, compor, também na tradução, algo homogêneo, um todo, é provavelmente apenas possível quando o tradutor tem mais do que apenas a pretensão de trabalhar de modo artesanalmente correto. Berthold Zilly traduziu não apenas uma obra de Euclides da Cunha para o alemão, ele transportou para o alemão também e sobretudo uma grande pretensão de Euclides da Cunha, a saber, ser poliglota e cosmopolita no interior de uma língua. Assim, a tradução de Berthold Zilly de *Os Sertões* não é apenas um feliz acaso para todo leitor alemão, mas também para todo autor que escreve em língua alemã, e que queira se formar junto a uma grande obra, e sobretudo queira se educar dentro das possibilidades de sua língua, tanto para ser aventureiro como para ser um cosmopolita esteticamente sensível. Assim, eu leio a tradução de *Os Sertões* também como a resposta suprida, em um espaço de tempo completamente apropriado, a todas as questões que Berthold Zilly me colocou há dez anos durante nossa conversa em São Paulo, de que, no final ficou a frase: “Se permita tempo e permaneça jovem”.

DISCURSO DE AGRADECIMENTO

Berthold Zilly

PREZADA SRA. MINISTRA, PREZADO Sr. Prefeito, prezada Sra. Presidente do Círculo de Amigos, prezados Senhores e Senhoras, caros colegas, amigas e amigos, cara Sra. Brackmann, caro Robert Menasse, queridos pais!

Quando, em 9 de julho, um domingo de céu literalmente limpo — hoje, infelizmente, não tão limpo — recebi o telefonema da Sra. Tietze com a notícia de que tinham me escolhido para receber o prêmio Wieland este ano, fiquei surpreso e comovido, e também um pouco perturbado. Obviamente eu sabia há muito da existência deste prêmio, e também chegara-me aos ouvidos a indicação de meu nome como um dos candidatos, porém tudo o mais — associação mantenedora, patrocinadores, participantes do júri — pareceu-me, como a alguém que estivesse fora do meio literário, um livro com sete selos, de maneira que eu não sabia corretamente quem me cumprimentava em nome de quem, e, no fundo, não me considerava digno do prêmio. Cortês e aturdido, confirmei a pergunta juridicamente relevante — se eu tencionava aceitar a premiação —, e agradei tão gentil quanto possível naquele momento. O agradecimento, eu o reitero publicamente neste lugar e o estendo. Ele vai primeiramente ao júri e ao Círculo de Amigos para o Fomento de Traduções Científicas e Literárias, a seguir aos representantes do Estado de Baden-Württemberg e da cidade de Ravensburg, que me cumprimentaram tão cordialmente, assim como aos seus colaboradores envolvidos, e agradeço especialmente a Robert Menasse pelo seu belo louvor. O fato de altos funcionários políticos contemplarem um tradutor e sua classe com dinheiro e com amáveis palavras não é realmente óbvio; muitas vezes há apenas um ou outro, e, comu-

mente, nenhum dos dois.

Com o término da tradução e a concessão de um prêmio que a coroa, fecham-se alguns círculos. Nos tempos de estudante de germanística e romanística, eu lia Wieland com muito prazer, sobretudo *Abderiten* e *Agathon*, e apreciava sua virtuosidade lingüística, assim como seu cosmopolitismo esclarecedor, traços que o ligam, apesar de toda profunda diferença, a Euclides da Cunha. Este, com certeza, não podia mais partilhar do otimismo do progresso de cerca de um século antes, principalmente depois que vivenciou, em 1897, uma guerra bárbara no sertão, produzida em nome da civilização. Agora sou tão honrosamente convidado, como protagonista desta cerimônia, na terra natal do afamado patrono. Terra natal no sentido regional, não local, pois sei que ele vem das proximidades de Biberach, onde, ontem, a sra. Ottenbacher amavelmente me conduziu através dos arquivos-Wieland. Folheando um estudo aí existente, percebi que, na minha busca por expressões plásticas, eu usara, sem suspeitar, alguns neologismos wielandianos de sua tradução de Shakespeare, como, por exemplo, a palavra *kalthertzig* (insensível, frio).

E como cheguei a esta premiação? Num certo sentido, com toda distância devida, me tornei colega do grande Wieland. Isso quase dá vertigens. Muito raramente encontram-se tradutores na ribalta, pois em consideração e remuneração, eles pertencem aos marginalizados e não-influente no meio cultural, o qual no entanto eles mantêm vivo, de forma semelhante a outros intermediários — leitores, críticos, bibliotecários, livreiros, agentes literários. O operário leitor, no famoso poema de Brecht, deve suas questões também aos operários especializados em tradução, que não são pagos nem como peões: *Quem construiu a Tebas de sete portas?* Quem traduziu os livros, que informam sobre a Tebas de sete portas? Quem construiu a casa de milhares de quartos da literatura universal? Os autores sozinhos? Felizes aqueles países e cidades que honram seus tradutores! Sobre estes silenciou Brecht, aliás, ele também um suábio, talvez porque a profissão deles leva claramente ao absurdo a doutrina marxista do valor do trabalho, segundo a qual a remuneração da mercadoria força-de-trabalho

corresponde aos custos para sua reprodução, isto significa numa linguagem clara, assegurar a subsistência do trabalhador.

Também no que toca às minhas relações com Robert Menasse, fecha-se um ciclo. Quando nos conhecemos em 1985, em São Paulo, nossas vidas, que eram e são tão diferentes, tinham algo em comum: corriam então boatos de que ele era um escritor e escrevia uma grande obra narrativa sobre frequentadores-filósofos de bares entre São Paulo e Viena, e de que eu era um tradutor e queria começar com *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Nós dois éramos, então, existências irrealis: ele como romancista sem romance, eu como tradutor sem tradução, razão porque eu me sentia quase como um vigarista. Ele trabalhou mais rápido do que eu. Pôde publicar, até hoje, além de diversos ensaios, três romances, acompanhados de comentário filosófico, a *Trilogie der Entgeisterung* (*Trilogia da Pasmação*), uma história do saber minguante que interpreta Hegel a contrapelo, enquanto eu fiquei contente por deixar meu projeto de escrever, até então existente em espírito, tornar-se carne ou melhor livro, na feira do livro de Frankfurt do ano passado. Nossos propósitos de 1985, ao contrário de seu conteúdo, não sofreram esta pasmação, e ambos questionam o saber absoluto, tendo em vista os processos históricos, que, por sua vez, são de pasmar. Agora nos encontramos aqui em Ravensburg para festejar realmente o término de meu trabalho de longos anos. E ainda com respeito a Robert Menasse, posso me sentir, em certo sentido, como um colega, pois ele igualmente traduz.

É a primeira vez, que eu saiba, que o prêmio vai para um tradutor do português — esta “última flor do Lácio”, como escreveu Olavo Bilac, um poeta contemporâneo de Euclides da Cunha. O português, apesar de seus aproximadamente 180 milhões de falantes, tem freqüentemente, na Alemanha, o status de uma, assim chamada, língua menor; e o prêmio vai para um intermediário da literatura brasileira, que, apesar das muitas obras de categoria universal disponíveis em alemão, representa entre nós o papel de marginal. Quando, pois, ainda que por um instante, o tradutor sai das sombras — típicas dele —, a luz da homenagem recai não apenas sobre ele e o autor há

muito tempo falecido, porém também sobre o país deste e sua literatura. E recai também sobre o pequeno grupo de colegas tradutores desta língua, com os quais eu, há anos, mantenho um diálogo pessoal ou intermediado pela literatura, e dos quais aprendi algumas coisas. Ninguém, pois, começa do zero, e não temos que inventar a roda novamente.

Sim, posso dizer que, embora naquela época eu não fosse um tradutor profissional, daqueles combatentes em prol da literatura brasileira, depois que se divulgara o boato acima mencionado, fui amigavelmente acolhido e, um exemplo, fui convidado por Ray-Güde Mertin para uma jornada de final de semana em Straelen, no Baixo-Reno, para um Colégio Europeu de Tradutores, onde me manifestaram uma mistura de alta estima, ceticismo e compaixão.

Não é de admirar, pois, que eu — marginal entre aqueles marginalizados no meio literário — tenha ousado investir numa obra que, assim como é áspera, intransitável, reservada, também é fascinante como o seu objeto: a paisagem seca, coberta de cactos, fendida e com a cruel guerra civil. Como cheguei a este empreendimento? Tive, no final dos anos 70, minha “vivência-sertão”, de forma semelhante à de “meu” autor no ano de 1897. Vi, então, este semi-deserto não pela primeira vez, porém mais consciente e cativado do que antes, e tentei ler o primeiro grande livro sobre esta região e sobre sua mais comovedora guerra, seja, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, do ano de 1902. Ainda que eu acreditasse saber bem português, durante a leitura eu ficava atolado em impenetráveis selvas de orações ou profundos abismos verbais. Isto me aborreceu profundamente enquanto leitor e filólogo, que, de má vontade, salta algo não compreendido e que gostaria de interpretar próximo ao texto. Como posso tornar um texto compreensível para mim, para os estudantes e, eventualmente, também para os colegas da área e os amantes da literatura, quando eu mesmo não o entendi corretamente ao nível vocabular e oracional? Abstração e generalização são procedimentos científicos fundamentais, mas seus vãos, entretanto, têm que partir do conhecimento exato das particularidades. Buscando uma saída, procurei uma tradução alemã, obviamente não como uma subs-

tuição para o original, mas como auxílio à leitura. Não havia, como tão pouco havia sequer um comentário útil.

Aí decidi começar eu mesmo, tão logo eu encontrasse uma possibilidade de publicação, o que aconteceu na metade dos anos 80 através da editora Suhrkamp. Felizmente, o competente leitor, sr. Dormagen — ele também era, definitivamente, um fascinado pelo sertão —, teve o longo fôlego necessário para perseverar firme no projeto, e para, amigável e insistentemente, me exortar à continuação, quando eu era obrigado a interromper muitas vezes o trabalho. Assim eu trabalhei a tradução como uma forma de ciência da literatura e lingüística aplicadas, para desvendar este monumento literário, sobretudo para mim mesmo. Não se poderia falar de uma realização estilística desde o princípio, ainda que, já cedo, um possível estilo correspondente ao original se me revelava aos olhos e ouvidos. Era importante, em primeiro lugar, fazer pacientemente um pequeno trabalho. A tradução deixa-se observar, em vários níveis, como um processo hermenêutico, portanto, que aponta para a compreensão. Pressupõe, em primeiro lugar, uma interpretação completa do original ao nível verbal e oracional; é, se assim se quiser dizer, um verbalismo e gramaticalismo detetivescos. Em segundo lugar, realiza uma interpretação sintética, seja, a re-criação na língua de chegada, que, finalmente, em terceiro lugar, serve de base a interpretações posteriores, analíticas. Diferente do crítico e do teórico da literatura, o tradutor não pode avançar seletivamente, não pode escolher aspectos ou passagens agradáveis ou significativas para si. Deixando de lado o gosto pessoal e os interesses próprios de conhecimento, ele tem que interpretar rigorosa e integralmente o texto de partida, palavra por palavra, vírgula por vírgula, frase por frase, tem que revirar toda metáfora ou alusão, examinar sonoridade e ritmo, tem que entender exatos todos os espaços, relações de tempo, movimentos, sentimentos, pensamentos imaginados. E além disso, desembaraçando-se de todas as milhares de particularidades, tem que chegar a uma apresentação intuitiva ou analítica de estilo e composição, da intenção estética, da ação histórica e atual do original em sua totalidade. E sobre isto, a

reprodução na língua de chegada, por outro lado, lança nova luz. Desta forma, entendi a tradução primeiramente como um acesso privilegiado a um original mais ou menos resistente e hermético, como pressuposto, finalidade e meio da interpretação. No decorrer do trabalho, meu respeito pela produção filológica de muitos tradutores aumentou consideravelmente, e estou convencido de que outros intérpretes podem aprender algumas coisas com eles.

Quanto às dificuldades dos *Sertões*, as quais não há que se mostrar neste momento, embora diferenciem-se consideravelmente daquelas da maior parte das outras obras literárias, são mais gradativas do que fundamentais. Examinada com atenção, a tradução de um texto como este, que acentua na forma, é difícil e até mesmo impossível. Nós tradutores somos personagens quixotescas, que perseguem um ideal incompreensível, a identidade do diferente. Se conseguíssemos isso perfeitamente, nos encontraríamos de mãos vazias, pois a maior aproximação possível ao texto a ser traduzido não seria uma tradução, mas a reprodução lítero-fidedigna do original, identicamente formal a ele, como Jorge Luis Borges mostra em um conto, não casualmente intitulado *Pierre Menard, Autor do Quixote*. Não obstante, os tradutores lutam infatigavelmente contra esta impossibilidade, e não sem sucesso, como nos asseguram os leitores.

E agora a crítica literária e o júri de tradutores celebram *Os Sertões* como uma produção estética, que não apenas acompanha o original, mas que pode subsistir ao seu lado. O que devo dizer sobre isso? Nunca supus em mim quaisquer capacidades literárias ou mesmo senti ambições tais. Pode ser que nesta tradução, se ela saiu-se realmente bem como acredita o júri, uma inspiração verbal tenha partido dos Manes do autor. Eu não poderia mesmo lhe pedir uma explicação sobre os muitos pontos ambíguos e enigmáticos, pois os limites da minha identificação com seu modo de ser começam já no fato de que ele morreu violentamente e por sua própria culpa aos 43 anos. Eu, porém, tenho que viver mais tempo, por amor à tradução.

O que é o segredo de um estilo sentido como equivalente ao original? Eu apenas cumpri meu dever, penso eu, como

verdadeiro decifrador de texto e como filólogo. Se, no conjunto, o resultado, cuja capacidade de aperfeiçoamento em muitos pontos se me apresenta claramente, pode se deixar ver e ouvir, isto eu devo, ao lado do cuidado interpretatório aspirado, a uma qualidade necessariamente complementar, da qual eu, no decorrer do trabalho, realmente me apropriei: paciência, persistência, tenacidade, aliás, traços do caráter dos famosos habitantes do sertão de Euclides da Cunha. Talvez tenha me sido útil ser um admirador de Fontane, que dizia de si mesmo, se fosse um gênio, seria um gênio da paciência. Há cinco ou seis anos, para me armar moral e literariamente, meus filhos me deram de aniversário o romance *Die Einsamkeit des Langstreckenläufers* (*A Solidão do Corredor de longas Distâncias*), de Alan Sillitoe. E assim eu comecei a praticar jogging regularmente, com crescente entusiasmo e sucesso. Também a tradução, eu a senti como uma tarefa de longo tempo e profundamente solitária, que me causava prazer, mas ao mesmo tempo, exigia uma monstruosa obstinação. Tive que realizá-la todos estes anos, ao lado da vida profissional e familiar, sobretudo tarde da noite. Durante aproximadamente mil noites, quase como nas fábulas, porém não ameaçado tão mortalmente, empenhei-me até ao suor, das 21 até 1 ou 2 h da madrugada, a abrir trilhas e caminhos através do sertão. E sempre me vinha aquela passagem de Lutero de *Sendbrief vom Dolmetschen* (*Carta ao Público sobre Tradução*), onde ele suspira, no sentido de como “nós tivemos que suar e nos angustiar, antes que tirássemos paus e pedras do caminho, para que se pudesse prosseguir tão bem.”

Um segundo segredo de trabalho, contudo muito pouco generalizável: quase toda a primeira versão, eu não a escrevi, eu a narrei, recitei, declamei. Cada vez que um colega aparecia casualmente, à noite, no Instituto, o que raramente acontecia, ele podia, com razão, achar estranho eu falar alto e sorrir da minha esquisitice. Para mim, *Os Sertões* tem algo de um grande discurso, erudito, porém sugestivamente sensual, buscante do efeito duradouro, admoestador, judicial, fúnebre, na tradição da retórica clássica e barroca. Sim, todo o livro é, de uma certa maneira, um discurso indignado, indignado em du-

plo sentido. O fato de eu ter estudado latim durante sete anos, como aluno, favoreceu-me um uso tardio. Eu auscultava a eloquência imaginada do original e aquela emergente do equivalente alemão, pronunciava 3, 4, 10 vezes cada período traduzido, escutava e reescutava minha fala no gravador, deixava aquilo trabalhar em mim, até estar mais ou menos satisfeito. Por isso, espero, a versão alemã soa polifônica e sonora, sarcástica e amarga, séria e dramática, sublime e solene, semelhantemente ao original, sem cair — e esta era uma preocupação — num *pathos* vazio ou num cômico involuntário. E alegro-me que Robert Menasse tenha apreciado isto.

Na busca de palavras e expressões sobre movimentos rurais — também aqui fecha-se um círculo — encontrei, entre outros, o livro extremamente impressionante e plástico do pároco Wilhelm Zimmermann *Der Grosse Deutsche Bauernkrieg* (*A Grande Guerra Camponesa Alemã*), hoje um clássico historiográfico do século XIX, quase esquecido. No geral, há alguns paralelos entre o movimento fanático dos camponeses do sertão brasileiro, ainda que entendido como católico, e as insurreições dos camponeses alemães do século XVI, cujos centros se localizavam aqui na Suábia, mas também na Francônia e na Turíngia. Em ambos os casos, foram vítimas da modernização política e econômica, e, em nome de Deus, recusavam taxas e impostos elevados e exigiam justiça. Antônio Conselheiro, o dirigente de Canudos, foi identificado reiteradamente como o Thomas Münzer brasileiro, uma comparação ousada, porém, de forma alguma, totalmente imprópria.

Estou chegando ao final. A corrida de longas distâncias pode continuar, a solidão, graças a Deus, acabou por ora, como se vê neste momento. Oportunamente me perguntam, se eu começaria esta tradução novamente. Com toda a certeza, porém com uma subvenção que garantisse a reprodução da força de trabalho com inclusão da família. Isto soa, hoje, utópico. Patrocinadores não são Mecenas. E as subvenções para cultura e ciência parecem estar dirigidas quase que exclusivamente a jovens solteiros e sem filhos. Nisto Wieland teve melhor sorte. Aos 42 anos de idade recebia uma pensão vitalícia da duquesa

Anna Amalia von Sachsen-Weimar, que lhe ofereceu, bem como à sua numerosa família, uma confortável subsistência, e possibilitou o trabalho de muitas traduções de Lucano, Horácio e Cícero, juntamente com outras obras. Alguns anos antes, ainda sem tais facilidades, ele fizera uma retrospectiva sobre sua tradução de Shakespeare, e, assim, encontrara o que, hoje, são meus pensamentos: “Eu estremeço quando olho para trás e penso que ousei traduzir Shakespeare. Poucos podem imaginar o esforço, o cansaço, as dificuldades deste trabalho, que muitas vezes levam ao desespero e ao xingamento (o que não faz os cavalos puxar melhor). Eu vejo a imperfeição do que fiz. Mas sei que os juízes, tão competentes quanto perspicazes, estão satisfeitos comigo. Basta, este trabalho hercúleo foi feito, e com todas as deusas do Parnasso! Eu certamente não o começaria, se ele primeiramente devesse ser feito.”

